

O Pasquim: um alternativo que se tornou jornal-empresa (1969-1991)¹

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros (Doutora em História Social/UFRJ)²

UFRJ/Rio de Janeiro

Resumo: *O Pasquim* foi criado, em 1969, como um jornal *alternativo*, e representou a boemia intelectual do bairro de Ipanema no Rio de Janeiro. Foi um periódico de oposição à ditadura civil-militar e de crítica aos costumes da classe média. Uma de suas grandes marcas foi a inovação da linguagem jornalística conjugando humor, criatividade e oralidade, influenciando uma geração de jornais que tiveram neste alternativo um paradigma. Devemos lembrar que ele continuou em circulação até 1991, embora não tivesse mais as características de outrora, uma vez que na década de 1980, sua linguagem foi se mesclando a da indústria cultural. Com isso, o jornal foi deixando de ser alternativo para se tornar um jornal-empresa. Contudo, a memória que se preservou sobre a sua existência ainda hoje é de sua fase alternativa.

Palavras-chave: Imprensa alternativa, indústria cultural, ditadura civil-militar, *O Pasquim*

A imprensa alternativa

Podemos destacar que no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985) brasileira foram criados por volta de 150 periódicos que, em meio às suas especificidades, tinham um traço comum: a oposição ao regime autoritário. Tais periódicos ficaram conhecidos como imprensa *alternativa* ou *nanica*.³ De acordo com Bernardo Kucinski (2003, p.13), a imprensa *alternativa* possuía quatro significados essenciais, como: algo que não está ligado a políticas dominantes; uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; única saída para uma situação difícil e, finalmente, o desejo que as gerações dos anos 1960 e 1970 tinham de protagonizarem as transformações sociais.

A disseminação da grande quantidade de alternativos durante o período autoritário brasileiro pode corresponder à hipótese de que os jornalistas expurgados dos grandes meios de comunicação estavam à procura de espaços para manifestarem suas posições ou simplesmente um lugar para exercerem sua atividade profissional. Aliado a esse elemento primordial, ou seja, uma abundância de recursos humanos disponíveis e insatisfeitos, acrescentava-se o papel

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Alcar Sudeste, 2016.

² Historiadora, Doutora em História Social pelo PPGHIS/UFRJ, e Diretora da Divisão de Memória Institucional/SIBI/UFRJ. E-mail: andreaqueiroz@sibi.ufrj.br.

³ A expressão *nanica*, segundo Bernardo Kucinski (2003,p.13), teria sido usada pela primeira vez por João Antonio no artigo “Aviso aos Nanicos” n’*O Pasquim* n.318, de 01 a 07 ago. 1975. Já a expressão *alternativa* foi usada, *a priori*, por Alberto Dines em sua coluna “Jornal dos jornais” na *Folha de São Paulo*, de abril de 1976..

das inovações técnicas que facilitaram a circulação de suas ideias.

Dessa forma, a imprensa alternativa “constituía não apenas um fenômeno jornalístico, mas também um fenômeno político. Ela representava uma das mais importantes possibilidades de luta política na época. Por outro lado, ela também representava a difícil convivência entre o legal e o ilegal, o público e o clandestino” (ARAÚJO, 2000, p.22).

Estes profissionais que seguiram o caminho alternativo se opunham às condições de trabalho na grande imprensa, em que muitos foram expulsos, e no sentido mais amplo, ao regime ditatorial. Muitos jornais foram criados neste cenário alternativo. Alguns deles e, em particular, o *PifPaf* e *A Carapuça* estabeleceram as bases do que viria depois a ser *O Pasquim*, principalmente, por contarem em seus quadros, com colaboradores que usavam a linguagem do humor para se comunicar com a sociedade, e ainda porque muitos desses jornalistas depois viriam a compor o semanário de Ipanema.

O *PifPaf* chegou às bancas do Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1964, em menos de dois meses do golpe civil-militar. O jornal foi definido por seus autores como “carioca, quatorzenal, de irreverência e crítica”. Nos quatro meses de sua existência, ou seja, oito números, o quinzenário tinha o formato tabloide. O jornal pode ser considerado uma resposta de Millôr à sua expulsão da revista *O Cruzeiro*, no ano anterior. Além da presença de Millôr, o novo periódico contou com a participação de outros jornalistas que viriam a ser seus colegas n’*O Pasquim*: Jaguar, Claudius, Ziraldo e Fortuna. Além de Sérgio Porto, Marina Colassanti, Rubem Braga, Antonio Maria, Dom Rossé Cavaca, Leon Eliachar, João Bethencourt, Ylen Kerr (diretor comercial) e Eugenio Hirsch (diretor de arte).

A Carapuça surgiu, em agosto de 1968, de uma ideia da *Distribuidora Imprensa*, a mesma que depois faria a distribuição d’*O Pasquim*, em produzir um jornal de humor. Sérgio Porto – o Stanislaw Ponte Preta – assumiu a direção do semanário, depois da recusa de Jaguar, Claudius e Fortuna. Vendia cerca de 18 mil exemplares. Para Jaguar em entrevista à autora (06/08/2004), “era o Alberto Eça, que escrevia a revista inteira, fazia um pastiche [...] e como o Sérgio tinha muito nome, a revista vendia muito”. Por isso, os jornalistas deste periódico acreditavam que após a morte de Sérgio Porto, seria inviável a continuidade do jornal. Decretando-se automaticamente o fim da publicação (QUEIROZ, 2005).

O Semanário da *patota* de Ipanema

O Pasquim foi um semanário que surgiu em 26 de junho de 1969 como um jornal de bairro. Em especial, de um bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro – Ipanema –, um

reduto bastante elitizado e cosmopolita. É certo que nem todos seus jornalistas eram cariocas. Alguns vinham de Minas Gerais, outros do sul e do nordeste do país, mas na confluência de trajetórias distintas constituíram um jornal a partir das referências daquele microcosmo, lugar no qual a maioria residia e com a qual se identificava.

Havia uma “aparente” liberdade entre os jornalistas d’*O Pasquim*, em relação à organização interna da redação e às escolhas dos temas por eles abordados. A redação não se pretendia hierarquizada e nem existia uma pauta definida entre os colaboradores a ser seguida. Era um lugar de confronto de ideias e de sociabilidade. Mas, isso não quer dizer que existisse a ausência de conflitos e desacordos e até mesmo rachas na equipe. *O Pasquim* foi libertário quando trouxe questionamentos e críticas acerca do conservadorismo da sociedade, em especial da classe média, da qual a maioria dos colaboradores era originária; assim como, sobre o autoritarismo dos governos civil-militares. E também quando dialogavam com o cenário da contracultura, como Luís Carlos Maciel que na sua seção *Underground* no semanário discutia temáticas como a liberação sexual, o uso de drogas, a juventude *hippie* e o *rock and roll*. Contudo, também havia opiniões mais conservadoras, impregnadas por posturas fortemente machistas e por críticas ao movimento feminista e ao dos homossexuais, posições e comportamentos tão arraigados na cultura política brasileira, refletindo nas páginas do jornal um grande paradoxo.⁴

Não podemos rotular *O Pasquim*, nem aos seus jornalistas, fixando sua estética em conservadora ou libertária, uma vez que eles poderiam atender tanto uma quanto a outra concepção. *O Pasquim* foi um jornal de seu tempo, com os questionamentos e discursos próprios de sua época. Sendo assim, como eles mesmos sublinharam: “*O Pasquim* é um produto do meio; também ninguém é perfeito” (*O Pasquim* n.6, ago. 1969, frase de capa).

É importante sublinhar a existência no periódico de formações e opiniões distintas, da mesma maneira que possibilitou uma projeção nacional do semanário ressaltando o aspecto da diversidade cultural, ocasionou cisões na equipe. Ora por crise financeira ora por conflito de egos ora por discordância nas opiniões. Destacam-se duas principais cisões que provocaram toda uma transformação interna no jornal: a saída de Millôr Fernandes, em 1975 e a de Ziraldo, em 1982.

Fazendo dos conceitos *estabelecidos* e *outsiders* de Elias e Scotson (2000) uma analogia

⁴ A *cultura política*, como observou Serge Bernstein (1998, p.360), nos permite uma explicação dos comportamentos políticos por uma fração do patrimônio cultural adquirido por um indivíduo durante a sua existência e compartilhado pelo tecido social o qual está inserido.

com *O Pasquim*, devemos estar atentos para uma evidência onde percebemos uma coesão grupal entre aqueles que chegaram à redação no início do jornal e os que foram sendo incorporados nos anos seguintes. Esse grupo mais antigo foi entendido aqui como o *estabelecido* e o grupo dos mais jovens como *outsiders*. Portanto, tomando como parâmetro essa relação entre *estabelecidos* e *outsiders* destacamos que pertenciam ao grupo mais antigo, os idealizadores e fundadores do jornal: Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Carlos Prosperi, Cláudio Ceccon, Millôr Fernandes e Ziraldo. Nos números seguintes, aderiram ao projeto d'*O Pasquim*: Luiz Carlos Maciel, Paulo Francis, Fortuna, Ivan Lessa e Henfil. Não havia uma equipe no sentido estrutural, ou seja, organizada de maneira hierárquica. Existia um núcleo fixo que representava os principais jornalistas, os quais agiam como redatores, seguindo-se dos colaboradores eventuais e dos leitores. Foram inúmeros os colaboradores eventuais do semanário, como: Martha Alencar, Moacir Scliar, Newton Carlos, Chico Buarque, Caetano Velloso, Chico Anísio, Ferreira Gullar, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Aldir Blanc, entre muitos outros.

O semanário de Ipanema modificou a linguagem jornalística ao reproduzir na linguagem escrita ou gráfica, a oralidade e isso acabou por influenciar a propaganda, como também, transformando a fala coloquial. As páginas do periódico estavam recheadas dessa linguagem oral, em todos os sentidos, sejam nos artigos sejam nos desenhos e até mesmo na publicidade. Isso fez com que *O Pasquim* deixasse de ser apenas um jornal de bairro e se tornasse um representante da fala nacional. Com isto, *O Pasquim* marcou não apenas a sua época, mas toda uma geração. O semanário foi um marco gerador de profundas transformações nos meios de comunicação e no cotidiano da sociedade. Ambos incorporaram esta nova fala pasquiniana. Aqueles que participaram do periódico sejam colaboradores ou leitores, marcaram a história do jornalismo no Brasil como a *geração Pasquim*.

Justamente por criar esse fenômeno geracional que *O Pasquim* foi um dos poucos jornais caracterizados como alternativos que não teve uma vida efêmera, já que deixou de circular apenas em 1991. Millôr Fernandes, desde o início do jornal, já havia alertado seus companheiros de profissão sobre as distorções que poderiam ocorrer entre o projeto e a prática alternativa, em especial acerca da questão da independência. Já que a proposta de constituir um jornal baseado na autonomia financeira e de pensamento, durante um período em que as liberdades civis e políticas estavam cerceadas, era difícil. Não somente para criar o periódico, mas, sobretudo, para mantê-lo em circulação.

A principal questão sobre essa dinâmica entre estabelecidos e *outsiders* diz respeito à interdependência que existia entre eles, mesmo tendo a ausência de uma pauta previamente definida entre todos os que faziam o periódico. Como mencionou Braga (1991, p.180), “as hierarquias [dentro d’*O Pasquim*] existem muito mais em função de atribuições pessoais do que de atribuições formais”.

Compreende-se, então, que além das discussões e desacordos entre opiniões pessoais, posturas ideológicas diferentes, havia também um enorme conflito de egos. Martha Alencar (apud MORAES, 1996, p.10), primeira secretária da redação, comentou que editar um semanário com tantas estrelas ávidas por liberdade exigia uma habilidade diplomática: “*O Pasquim* era uma fogueira das vaidades”. Denis de Moraes (1996, p.10) destacou que “se um molestava o outro, era porque havia rugas insolúveis ou era charme para azeitar o marketing”.

Foi nessa interdependência entre os estabelecidos e os *outsiders* que se forjou a noção de autocensura. A ideia de que existiria uma coesão entre os estabelecidos significava, mesmo sem uma pauta definida, que um estabelecido poderia interferir na fala de outro estabelecido e, sobretudo, na de um *outsider*, a fim de manter as regras e a coesão do grupo. E nesse contexto de interferência na fala, destacamos a participação de Millôr Fernandes no semanário, que sempre se mostrou avesso a esse tipo de comportamento, inclusive esse foi um dos motivos para a sua saída do periódico.

No primeiro número do jornal, Millôr, através do artigo “Independência, é? Vocês me matam de rir”, questionou como se definiria essa independência tão almejada por esses jornalistas da imprensa *nanica*. Assim, escreveu:

Meu caro Jaguar, você me garante que *O Pasquim* vai ser independente. [...] Podem começar a contagem regressiva. Independente, com larga experiência no setor, falo de cadeia (perdão cadeira). [...] Em suma, Sérgio Magalhães Jaguaribe, vulgo Jaguar vai de *Banda de Ipanema*, que é “mais melhor”. Fazendo *O Pasquim* vocês vão ter de enfrentar: A) o *establishment* em geral que nunca tendo olhado com bons olhos a nossa atividade, agora positivamente, não vê nela a menor graça. B) as agências de publicidade, que adoram humor, desde que naturalmente, ele seja estrangeiro lá longe, feito pelo *MAD* publicado na *Play-boy* ou filmado pelo Jacques Tati. [...] A Igreja que depois de uma guinada de 360 graus, é extremamente liberal em tudo que seja dito por ele mesma. D) a família, as classes sociais, as pessoas, os TFM, os *avant-chatos* que se fantasiam de *avant-garde*, etcetera. Não estou desanimando vocês não, mas uma coisa eu digo: se essa revista for mesmo independente não dura três meses. Se durar três meses não é independente. Longa vida a essa revista! (FERNANDES, Millôr. *O Pasquim* n.1, 26 jun.1969).

O que foi ressaltado por Millôr eram as dúvidas de quem se lançava na experiência alternativa e muitas vezes clandestina. Além das dificuldades financeiras e das perseguições

dos grupos conservadores da sociedade que apoiavam a ditadura, o medo da prisão ou de desaparecer nela era uma constante.

Eles ficaram conhecidos como a *patota* d'O *Pasquim*, mas não representavam uma redação tradicional. Assim, a produção do periódico era construída sem uma pauta definida. Isso fazia o periódico ser idiossincrático: cada autor trazia uma contribuição inteiramente pessoal e independente, sem obedecer a nenhum plano. A equipe do semanário constituiu-se em uma organização não burocrática e essencialmente criativa (BRAGA, 1991, p.215). Bernardo Kucinski (2003, p.20) ressaltou que a *patota* representava “um exercício lúdico motivado pelo gozo” contrapondo-se “à lógica da eficiência e da produção”, tão arraigada na grande imprensa.

Entre os jornalistas não havia uma organização hierárquica da redação nem um controle financeiro administrativo, havia um espírito anárquico entre eles – eram “antiempresariais”. Por isso, analisou Kucinski (2003, p.20), ocorreu um estrangulamento financeiro do jornal, mesmo sendo bem-sucedido editorialmente. Lembramos que após seis meses de circulação, O *Pasquim* atingiu a tiragem de 200 mil exemplares, chegando próximo à venda dos grandes veículos de comunicação de sua época.

Acrescentamos que O *Pasquim* foi submetido à censura prévia em março de 1970, mas mesmo antes dela existir no jornal, chegava à redação uma lista dos “temas proibidos” de serem pronunciados, discutidos ou informados. Contudo, o semanário continuou publicando muitas dessas temáticas proibidas e, por esse motivo, teve muitas edições apreendidas antes mesmo da censura prévia. E no mesmo ano que esse mecanismo de controle de expressão entrou em vigor no jornal, nove de seus jornalistas foram presos durante dois meses.⁵ Vale destacar que apesar do interesse do regime ditatorial em desarticular o semanário alternativo, com a prisão de seus integrantes, O *Pasquim* continuou a circular com a contribuição dos que não foram presos – Millôr Fernandes, Martha Alencar, Henfil e Miguel Paiva –, que escreviam as suas matérias e a de seus amigos como se fossem os que estavam enclausurados – e por artistas e intelectuais que nada tinham a ver com a redação, foi o chamado “rush da solidariedade”.

Todavia, isso não impediu que O *Pasquim* quebrasse financeiramente. Além do excesso de matérias cortadas pelo crivo da censura prévia e da prisão de grande parte da equipe

⁵ Foram presos, em 01/11/1970: Flávio Rangel, Fortuna, Ziraldo, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Jaguar, Tarso de Castro, José Grossi e o fotógrafo Paulo Garcez.

nuclear, a partir de 1973 o jornal passou a ser censurado via Brasília dificultando ainda mais manter o periódico em circulação. A censura prévia centralizada na capital federal provocava danos em diversos níveis para os periódicos: editorialmente, pois gerava a perda de atualidade, uma vez que havia um intervalo de quase duas semanas entre o fechamento e a distribuição desses jornais; e, comercialmente, causava prejuízos financeiros, já que grande parte já havia passado pela fotocomposição e era lacerado pelos censores (MAIA, 2002, p.488).

Com isto, o periódico enfrentou sua primeira grande crise financeiro-administrativa. A fim de sanar esta crise e recuperá-lo editorialmente, Millôr Fernandes assumiu a tarefa de administrar *O Pasquim* de setembro de 1972 até março de 1974. Em sua administração, Millôr decidiu cortar todos os gastos extras, telefonemas internacionais e despesas desnecessárias, houve um controle rigoroso dos custos. O novo diretor também mudou o nome-empresa do periódico, que de *O Pasquim, Empresa Jornalística Editora* passou a se chamar *Editora Codecri Ltda. – Comitê de Defesa do Criadouro* (segundo Henfil, a única empresa brasileira que defende o consumidor) que posteriormente passou a gerar receita financeira com a edição de várias matérias, artigos e entrevistas famosas d'*O Pasquim* organizadas em livro.

Outra tentativa do jornalista foi recuperar as vendas do semanário, que havia despencado dos 200 mil exemplares (entre 1969 e 1970, período que o jornal recebeu muitos investimentos de publicidade) para 45 mil no segundo trimestre de 1972. Através do artigo "O leitor padrão d'*O Pasquim*", Millôr promoveu um concurso entre os leitores (por meio de um questionário) que poderia fazer aumentar as vendas com a distribuição de prêmios. O jornalista queria, na verdade, saber quem estava lendo o periódico naquele momento, ou seja, a que público o semanário estava atingindo.

O Pasquim, conhecido como um marginal que deu certo, vive sem dinheiro. Onde termos concluído que um enquadramento, mesmo dando errado, é mais negócio. E então, começamos a procurar os meios próprios para um auto-enquadramento. A primeira medida, copiando empresas mais dignas, que têm auditoria-permanente, pesquisas de *marketing*, controles de *media* e até alarmes contra ladrões [...] é saber quem lê *O Pasquim* (MILLÔR, *O Pasquim* n. 131, 04 a 10 jan. 1972, p.9).

Apesar de ter conseguido recuperar o jornal, Millôr rompeu com o semanário, em 1975, quando após o fim da imposição da censura prévia, o jornalista escreveu o editorial "Sem Censura", em que se questionava e aos próprios pasquinianos de qual seria o papel deles enquanto jornalistas da imprensa *alternativa* com o fim da censura prévia n'*O Pasquim*. Ou seja, de quem era a responsabilidade pelos não-ditos, do jornalista ou do censor, discutindo,

assim, a existência dos interditos pessoais. Logo após esse episódio Millôr saiu do jornal.

Para Bernardo Kucinski (2003, p.227), “com o fim da censura prévia encerrava-se o ciclo resistente d’*O Pasquim* e nascia uma outra fase, a do jornal politicamente calculista e promotor de campanhas políticas, personificada por Ziraldo”. Do fim da censura prévia em diante houve uma intensa transformação no periódico. Devemos ressaltar que era um novo *Pasquim*, novo até no nome, pois havia perdido a sua vogal precedente há alguns números, desde o início de 1975. Assim, ele deixou de ser *O semanário de Ipanema* para se tornar mais um jornal dentre tantos. Apesar de manter sua oposição ao regime autoritário, denunciando desmandos, o periódico ficou mais temeroso, recuando em certas posições quando lhe era interessante. E essas características eram contrárias à proposta que Millôr Fernandes tinha para o periódico.

Os motes de campanha em que o *Pasquim* se envolveu neste período confluíram com a situação política em que o país se encontrava, entre os governos de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Enfatizando as promessas de distensão política e do fim do AI-5 e da Campanha pela Anistia. Esta última fez com que o jornal se recuperasse, voltando a vender 83 mil exemplares no final de 1978, conforme comentou Ziraldo (entrevista a KUCINSKI, 11 jan. 1990, 2003, p.227).

Portanto, com fim da década e a passagem “lenta, gradual e segura” da ditadura para a democracia o *Pasquim* morreu. Esta morte aconteceu naquilo que o semanário tinha por definição: a estrutura anárquica sem engajamento partidário e uma crítica da situação política com criatividade e humor, assim o jornal perdeu sua estética, a concepção do “autor como produtor” (BENJAMIN, 1994, p.120-136).

O *Pasquim* da década de 1980 não pode mais ser chamado de *alternativo*, pois passou a figurar como uma empresa jornalística. A última tiragem do jornal ocorreu em 1991, mas a memória que se construiu do periódico, que neste período era quinzenal, está sempre voltada para a década de 1970, justamente por ter se descaracterizado como alternativo e, principalmente, por ter perdido o referencial de linguagem que o lançou: inovador e visceral.

O velório de um folião

O *Pasquim* começou a década de 1980 enfrentando, junto com o restante do país, uma grave crise econômica, reflexos da ilusão do milagre econômico, agravada, principalmente, pela diminuição das vendas em banca e pelas constantes apreensões, que estavam levando o jornal a um quadro de asfixia. Além disso, o periódico foi obrigado a aumentar quatro vezes

seu preço, em um mesmo ano, e sabendo que os salários no país nem sequer acompanhavam a inflação. Ao refletir sobre a crise financeira do jornal, Jaguar (entrevista ao *Pasquim* n.626, de 27 jun. a 03 jul. 1981) disse que:

haveria um imenso suspiro de alívio na grande imprensa brasileira se o *Pasquim* fechasse, porque é um jornal que sacaneia a desinformação que a grande imprensa passa para o público. [...] O *Pasquim* está hoje com problemas de marketing: custa Cr\$ 80.00 enquanto é feito pro povo. O *Pasquim* não é feito mais pro pessoal de Ipanema, que frequenta [sic] o Antonio's, e deveria ser vendido a Cr\$ 20.00, pra ter saída na Zona Norte, na periferia de S. Paulo. O *Pasquim* hoje é mais popular do que naquela época, e se fosse a Cr\$ 20.00 venderia pacas.

Além disso, o medo era frequente entre os jornalistas, mesmo com todo discurso de distensão política promovido pelo governo, o que se percebia era o predomínio do autoritarismo e da repressão. Por isso, a autocensura continuava marcante. Este medo não era apenas dos jornalistas, estava também entre os jornaleiros, pois sofriam atentados às suas bancas. Neste sentido, a cada número o jornal foi morrendo, perdendo a sua *fala* e identidade. Foi uma morte lenta e sofrida por todos, pelos que faziam o *Pasquim*, pelos que já fizeram parte dele e pelos leitores fieis.

Neste período quem passou a sustentar o jornal foi a editora *Codecri*, que de filial passou a matriz. Entretanto, mesmo com vários *best-sellers*, a editora não conseguiu se ampliar, ao contrário, caminhou para a decadência junto com o semanário. A secretária do *Pasquim*, Nelma Quadros (entrevista a KUCINSKI, 1990, 2003, p.229) disse que

a *Codecri* sustentava o *Pasquim*, que não vendia, era decadente. Foi a editora que mais cresceu nessa época. [...] Mas os autores não recebiam seus direitos autorais e começavam a fugir para outras editoras. O próprio Ziraldo, um dos cotistas da *Codecri*, não publicou *Menino Maluquinho* pela *Codecri*, porque sabia que não ia receber direito autoral.

Neste momento de crise, Ziraldo resolveu assumir a direção do jornal, tentando quitar todas as suas dívidas. Assumiu essa responsabilidade com a condição de ter total liberdade para modificar o que achasse necessário, a começar pelo próprio formato do periódico. Em 1981, substituiu o formato tabloide pelo estilo clássico, *standart*, dos jornais diários. Entretanto, este novo formato durou apenas cinco meses.⁶ Para Ângela Dias (2000, p.159-196), a transformação do formato do jornal, em jornalão, já indicava uma politização do periódico e o seu redirecionamento para uma dicção mais séria e menos lúdica em relação ao espaço público.

Além desta transformação no formato, Ziraldo acreditava que o *Pasquim* tinha de ficar mais político, engajando-se na campanha do PMDB, o que para o cartunista o “salvaria”

⁶ Este formato grande durou 21 números, de 17/12/1981 a 12/05/1982. O formato tablóide voltou no número 672, que trouxe a seguinte frase editorial: “Quem nasceu pra tablóide nunca chega a jornalão”.

definitivamente da crise.

Assumi vários compromissos pessoais, fazendo questão de todos serem em meu nome, não do *Pasquim* que nunca assumiu nenhum compromisso com ninguém. [...] Fiquei com o *Pasquim*, e fui agüentando [sic] economicamente (consegui levantar recursos suficientes para pagar nossas dívidas). As pessoas gritavam: “Quêisso! Se venderam”, nada disso, eu sempre estive no PMDB. Assumi um compromisso pessoal (bate no peito) e salvei o *Pasquim* (entrevista de Ziraldo ao *Pasquim* n.704, de 23 a 29 dez. 1982).

Seja como for, após a tentativa fracassada de reerguer o jornal da crise que se arrastava há alguns anos, Ziraldo e Jaguar levaram o *Pasquim* a uma disputa político-partidária, o que contrariava a tradição anárquica do semanário e que acabou por descaracterizá-lo por completo de sua principal marca.

Ziraldo acreditava ser importante e viável, eleger um conjunto de governadores peemedebistas na eleição de 1982, constituindo uma espinha dorsal de poder democrático, de norte a sul, no país. Foi neste sentido, que Ziraldo propunha usar o *Pasquim* para apoiar Miro Teixeira, candidato ao governo do Estado do Rio de Janeiro. Diante desta ideia do periódico pôr-se a serviço de uma candidatura, percebemos um reconhecimento de que o *Pasquim* havia falido, esgotado sua função original. Jaguar não acreditava na proposta do PMDB, e entrou no mesmo jogo que Ziraldo, mas apoiando Brizola, candidato do PDT. Durante o período pré-eleitoral, o *Pasquim* saía com o “cantão do PMDB”, escrito por Ziraldo e o “covil do Jaguar”, totalmente brizolista. E, ainda apostaram que dependendo do resultado, quem vencesse as eleições, ficaria com todas as cotas do jornal. Como a vitória foi do candidato do PDT, Jaguar se tornou o “único dono do falido *Pasquim*, com US\$ 200 mil em dívidas” (KUCINSKI, 2003, p. 228).

A partir daquele momento o periódico se redefiniu, alinhando-se ao PDT e tendo em Jaguar seu grande porta voz e idealizador, era uma nova realidade para o *Pasquim*. Norma Pereira Rego (1996, p.81) ressaltou que era estranho ver o *Pasquim* com uma linha editorial definida, “ele estava profissional como a grande imprensa, mas sem os recursos dela”. Portanto, o *Pasquim* perdeu o seu estilo, a pluralidade, a ausência de pauta, mas, sobretudo, a sua identidade.

O que podemos concluir destas observações, então, é que não importava o partido vencedor nas eleições de 1982, tanto Ziraldo quanto Jaguar transformariam o semanário de Ipanema num intelectual orgânico (GRAMSCI, 1979). O jornal afirmava-se como um intelectual orgânico, principalmente, pelo engajamento explícito de sua própria produção, como nos cartuns humorísticos sobre a política educacional do Governo do Estado do Rio de

Janeiro. Através da história “A Última do Juquinha”, o *Pasquim* expunha sua linha editorial daquele momento.

não é amarrar uma lata no rabo da cachorra, nem botar pó-de-mico no tênis da priminha. A última do Juquinha é curtir ir à escola. Contando ninguém acredita. Só indo ao CIEP onde ele estuda. O Juquinha chama o CIEP de Brizolão. Lá ele tem assistência médica e dentária, três refeições diárias, material escolar, faz esportes e ainda por cima se diverte de montão (Apud DIAS, 2000, p.183).

No ano de 1984, o *Pasquim* lançou o mote de campanha das Diretas Já, com o *slogan* “Direto Pras Diretas”.⁷ É importante destacar que mesmo com a candidatura de Tancredo Neves (PMDB-MG) à presidência, em 1984, o jornal permaneceu alinhado ao governador do PDT. Podemos perceber isso através da entrevista, nesse mesmo ano, que o *Pasquim* fez com Darcy Ribeiro, então vice-governador e secretário de cultura do Estado Rio de Janeiro.

Henfil, que neste momento já havia deixado o jornal, também por questões políticas já que estava alinhado ao PT, concedeu uma entrevista cujo tema levava o semanário a fazer sua autocrítica. Ele propunha que estava na hora de reinventar o *Pasquim*, traçando um histórico do periódico, ressaltando sua característica de oposição, e os problemas pelos quais passava, associado às mudanças da conjuntura política, sublinhou que

tá na hora de reinventar o *Pasquim*, é hora dele ser alternativo, em face dos compromissos partidários da grande imprensa. [...] Na medida que as pessoas se identificavam com a oposição ao regime, o *Pasquim* era muito importante. Agora as pessoas estão sem alternativa, PDS ou PDS, Tancredo ou Maluf, qual é a alternativa? [...] Aí o *Pasquim* se torna de novo necessário, na sua sensibilidade de ser surfista. Você não mergulha tem de estar por cima das ondas. [...] Você tem de ficar em pé ali em cima. Então: *um surfista em cima das ondas tem de ser livre*. Por isso o *Pasquim* tá sem credibilidade, porque de certa forma se acoplou ao sistema, apoiando Brizola ou Tancredo. [...] A credibilidade do *Pasquim* tá nele ser inconveniente; ele sempre terá de ser assim. [...] Se você tiver o mundo vivendo em liberdade – democracia, talvez o *Pasquim* seja diferente. [...] Qualquer pessoa tem na cabeça o que é o *Pasquim* e por isso dizem: “tá ruim, já foi melhor”. Há na cabeça de todo mundo qual o papel do *Pasquim*; se ele corresponder, todo mundo compra. Por isso o surfista acima das ondas; essa é a idéia que se tem do *Pasquim*: pessoas livres, incorruptíveis, moleques, mas ao mesmo tempo [em] que se corrompem em costumes desvairados, decadências de costumes, homossexualismo, bebidas, orgias (entrevista de Henfil ao *Pasquim* n.803, de 15 a 21 nov. 1984).

É interessante perceber que o alinhamento brizolista do jornal foi reiterado em 1986, principalmente, pelas 28 Cartas Abertas ao Governador, além da campanha de oposição a Moreira Franco, adversário de Darcy Ribeiro, candidato à sucessão e então vice-governador. Com isto, ficava evidente a fala de Henfil, provando que cada vez mais o *Pasquim* se afastava do ideal do “surfista livre em cima das ondas”. Para Jaguar (entrevista à autora, em 06 ago. 2004), foi um erro o alinhamento do jornal ao PDT. Segundo ele, era melhor o periódico ter fechado as portas a ficar caracterizado como Brizolista. Ainda assim, o cartunista declarou

⁷ Essa campanha se estendeu do número 762 até o número 779, de 31 maio a 06 junho de 1984.

que “as intenções de Brizola em ajudar o *Pasquim* eram boas e o erro estava em aceitar a ajuda”.

Como considerou José Luiz Braga (1991, p.97-126), este período refere-se à “perda do pique” do jornal. Ressaltamos que a fala pasquiniana foi morrendo, entrando numa crise de identidade, que culminou na reconstrução de uma memória por parte da própria sociedade, na qual o passado é observado sempre pelo viés da oposição política durante a ditadura. Esquecendo-se da partidarização do *Pasquim* neste momento da década de 1980, e depois na sua transformação em empresa jornalística, que o levou a um apelo sensacionalista, com um resultado estético sobrecarregado, sem criatividade e nada inovador. Perdeu tudo aquilo que caracterizava seus jornalistas como a geração *Pasquim*.

É importante compreender que na década de 1980 houve uma progressiva mediatização do espaço público, com uma intensa massificação, levando a uma despolitização dos problemas nacionais. Ângela Dias (2000, p.183) destacou que a liberdade de imprensa tão almejada durante o período autoritário, na passagem para democracia, revelou-se capciosa e parcial, ao mesmo tempo em que a progressiva escalada da mundialização econômica e cultural diminuía cada vez mais o espaço para qualquer iniciativa alternativa, voltando-se para um forte esquema empresarial e pragmático, em termos da relação econômica custo/benefício.

Cabe lembrar que nesta década, em virtude da transformação camaleônica da política, diante de algumas permanências na passagem da ditadura para a democracia, a chamada imprensa alternativa ficou comprimida entre o esvaziamento de seus quadros de colaboradores, que retornaram à grande imprensa, e o arejamento de sua linguagem, a qual passou fazer parte do cotidiano das grandes empresas de comunicação. Como não tinha condições de concorrência, “a imprensa nanica de vocação geral fica assim sitiada entre o pequeno jornal-militante [...] e o jornal-empresa funcionando na base do lucro” (BRAGA, 1991, p.102).

Diante desta perspectiva, o *Pasquim* que tentava se manter em circulação foi sendo absorvido pela segunda opção, ou seja, aos poucos foi se tornando um jornal-empresa. Todavia, não possuía os recursos financeiros para suportar a concorrência pela informação. Portanto, o *Pasquim* que se caracterizou por ser um jornal de opinião deixou seu estilo de lado, e entrou na era da informação, mas sem renovar sua linguagem e, assim, foi se desgastando.

esses jornais [alternativos] eram veículos de opinião numa época em que a opinião estava muito em demanda por ser uma mercadoria rara. Hoje, a demanda é de

informação. Mais do que a questão das bombas, que foi gravíssima, a falta de informação fornecida acabaria com o *Pasquim* (Participação de Zuenir Ventura na entrevista que Ziraldo concedeu ao *Pasquim* n.704, de 23 a 29 dez. 1982).

Bernardo Kucinski (2003, p. 230) sublinhou que a decadência do *Pasquim* está totalmente relacionada à morte de sua linguagem, foi um preço estético pago por não se renovar, e, assim,

de tanto, desenhar o forte batendo no fraco, o policial massacrando o estudante, o torturador e o torturado, o humor d' *O Pasquim* foi se contaminando pelo clichê do bom e do mau, pelo qual a polícia bate sempre, é má, o marginal sempre é bom. Ocorre que nos anos 1980 não havia mais lugar para essa visão esquemática, ou para qualquer visão racional. O humor absurdo do *Planeta Diário* tomou conta.

Para Jaguar, a nova geração de cartunistas do jornal não conseguiu superar a relação com a repressão, sempre buscando neste instrumento um meio de dialogar. Henfil (1984, p.82-8) lembrou que quando acabou a censura no *Pasquim* "alguns daqueles que só sabiam fazer a língua do 'P' ficaram incapazes de falar clara e abertamente, eles ficaram perdidos no maternal".

Em meio à crise de identidade que descaracterizou a linguagem do *Pasquim*, surgiram outros semanários humorísticos, como *O Planeta Diário* e *A Casseta Popular*, que, conforme a grande imprensa, contribuíram para a disseminação ou normalização da fala pasquiniana: a irreverência e o informalismo.⁸ No que tange à verve humorística destes dois periódicos, o que os distinguia do humor do *Pasquim* da década de 1970, era o escracho e um forte apelo sexual, tendendo a um sensacionalismo. Neste sentido, quando o semanário de Ipanema, na década de 1980, quis fazer frente a esta nova investida, transformou a (auto)ironia, o deboche e o sarcasmo, no escracho e no apelo erótico da política, massificando sua linguagem.

O agravamento das condições objetivas de manutenção do discurso pasquiniano e seu

⁸ Em 1978, três estudantes de engenharia da UFRJ: Roberto Adler (Beto Silva), Hélio Antonio do Couto Filho (Hélio de la Peña) e Marcelo Garmatter Barreto (Marcelo Madureira) lançaram o jornalzinho *A Casseta Popular*. Mimeografado e de tiragem pequena. Em 1980, os alunos Cláudio Besserman Viana (Bussunda) e Claudio Manoel Pimentel dos Santos passaram a integrar o grupo e *A Casseta* se transformou em um tablóide, vendido por eles mesmos em bares e praias. No ano de 1984, surgiu nas bancas *O Planeta Diário*, comandado por Hubert de Carvalho e Reinaldo Batista Figueiredo (ex-pasquiniano). Com o sucesso de vendas, *O Planeta Diário* impulsionou o crescimento d' *A Casseta Popular*, tornando os cinco cassetas, colaboradores d' *O Planeta*. Em 1986, com a criação da editora *Toviassú* (que vem da expressão "Todo Viado é Surdo"), *A Casseta Popular* chegou às bancas em forma de revista, mas a fusão dos grupos só ocorreu em 1988 quando todos eram redatores na *TV Globo*, do extinto programa "TV Pirata". O grupo estreou em frente às câmeras em 1990, na cobertura do Carnaval carioca pela rede *Globo*, ao vivo, direto do Sambódromo. No ano seguinte, 1991, eles já estavam escrevendo e atuando em um novo programa, "Doris Para Maiores", comandado por Doris Giesse. Mas, foi em 1992 que eles estrearam o "Casseta & Planeta Urgente!", com o slogan "jornalismo mentira, humorismo verdade", os sete humoristas passaram a parodiar tudo e todos. O programa está no ar até hoje, com periodicidade semanal. QUEIROZ, Andréa C. de Barros. *O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação* (1969-1991), 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Niterói: UFF, 2005.

progressivo isolamento fizeram com que Jaguar buscasse nos leitores um meio de salvar o jornal e, assim, declarar através de um balão de fala de história em quadrinhos: “Compre o *Pasquim* ou eu mato este rato!”, e o *Sig* exclamava com medo: “Ele está falando sério!!” (*Pasquim* n.980, de 30 mai. 1988, capa). Entretanto, como a sua linguagem não se renovava e permanecia num contínuo desgaste, aqueles leitores que se identificavam com o *Pasquim* dos anos 1970, não gostavam mais do que liam nesse momento. É certo que da mesma forma que o jornal havia se transformado em algo diferente, na passagem da década, os leitores também mudaram nesse processo, contudo, suas mudanças não correspondiam às transformações do semanário de Ipanema.

O ano de 1988 caracterizou definitivamente a falência do projeto alternativo. Jaguar vendeu o *Pasquim* para João Carlos Rabello, empresário, jornalista e ex-colaborador do hebdomadário. Nesta época, o jornal vendia três mil exemplares e Rabello estava disposto a “profissionalizar o jornal e ganhar dinheiro com ele” (DIAS, 2000, p.179).

A desconfiguração do projeto se deu por diversos motivos. A primeira evidência era uma irregularidade periodística do jornal, afetado pelos reveses financeiros, que desde o número 969, de 11/02/1988, chegava às bancas entre edições quinzenais, sazonais e recuperações semanais. Além do já mencionado desgaste de sua fala.

Mas a principal referência à morte do seu estilo diz respeito à proposta João Carlos Rabello para o jornal, o que fez perder, definitivamente, a sua identidade. Através de sua declaração “Por que comprei o *Pasquim*” percebemos que daquele momento em diante, o jornal se tornaria uma empresa-jornalística, encerrando efetivamente seu conteúdo alternativo. O empresário declarou:

comprei o *Pasquim* porque acredito que é uma publicação absolutamente viável e dá para ganhar algum dinheiro. Não vai ser muito, mas pelos dará para pagar os fornecedores e os salários dos colaboradores. [...] Como disse, não sou herói, nem mártir. Quero ganhar dinheiro, mas dentro da minha fachada de empresário, bate um coração de jornalista que entre os seus orgulhos está o fato de incluir no currículo a condição de ex-colaborador do *Pasquim* (Editorial de João Carlos Rabello no *Pasquim* n.986, 13 out. 1988).

Dessa forma, o *Pasquim* foi sendo absorvido pelo discurso da “indústria cultural”. Segundo Jaguar (entrevista ao jornal *Bafafá*, agosto 2003), neste momento, o mercado engoliu as ideias,

fez grandes estragos na criação cultural em geral. É mais difícil lutar contra ele do que contra a ditadura, porque você não sabe quem é o mercado. Ditadura você sabia: eram aqueles milicos querendo prender a gente, dar porrada e cortando o que a gente fazia. O mercado está em volta da gente mas não sabemos se estamos de frente ou de

costas para ele (risos).⁹

Além disso, outra evidência que podemos observar como ruína de uma linguagem, de uma estética jornalística, era a quase ausência de charges e cartuns no jornal. N'O *Pasquim*, da década de 1970, os desenhos tinham a mesma importância dos textos, havia uma intertextualidade entre traço e escrita. Já nos anos 1980, isso desapareceu. Os desenhos eram escassos e pertenciam a zonas isoladas no jornal, como na seção "Dicas".

No último ano do jornal, 1991, o que apenas aparecia em suas páginas era um forte apelo sexual e um tom de deboche banal.¹⁰ O *Pasquim* havia perdido o seu tom de crítica, estava inserido na órbita neoliberal, interessado no consumo de suas produções sem se preocupar com a estética jornalística. Assim, deixou de lado o referencial de se fazer ouvir e passou a interagir com o fazer vender.

Seja como for, existiram dois *Pasquins*, um da década de 1970 e outro da década de 1980. Mas quando seus próprios jornalistas e a sociedade, de uma maneira geral, se referem ao jornal sempre mencionam as características do primeiro e deixam o outro esquecido. Podemos afirmar que a memória sobre o jornal foi construída sob o signo da oposição política de seus jornalistas, muitas vezes, caracterizados como "heróis de uma resistência", aqueles que trouxeram a liberdade para um mundo de arbitrariedades e censura, que foi a ditadura no pós-1964 no país. Esta imagem heroicizada do periódico foi sendo construída ainda durante a sua existência alternativa, depois rememorada tanto pela sociedade e, principalmente, por aqueles que fizeram parte de sua história. Portanto, quando se ouve falar, ainda hoje, sobre o passado do jornal, a referência que se tem está atrelada a esta marca.

Esta fala ficou evidente quando os jornalistas do *Pasquim* foram homenageados em fevereiro de 1990, durante o Carnaval carioca, como enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz no Grupo Especial da Liga de Escolas de Samba do Rio de Janeiro. O próprio Samba-Enredo tinha como título "Os Heróis da Resistência",¹¹ cuja letra trazia a memória sobre o passado do jornal da década de 1970, sem mencionar qualquer referência à década de 1980. Na edição de número 1033 (26 jan. 1990, p.22), na seção "Dicas", o *Pasquim* trouxe a letra do samba "para os quase 4 mil integrantes dos Acadêmicos

⁹ Disponível em: <<http://www.bafafa.com.br/site.php?area=lerMaterias&codigo=169&titulo=Jaguar>>. Acesso em: 24 set. 2010.

¹⁰ De janeiro a abril, o jornal saiu quinzenalmente; e de maio a outubro passou a ser mensal.

¹¹ Os compositores deste samba foram Zé Carlos, Carlos Henri, Carlinhos de Pilares, Doda, Mocinho e Luís Sérgio.

de Santa Cruz adentrarem à Sapucaí sabendo o que estão cantando” e, assim, fizeram ao lado da letra uma tradução do que interpretavam sobre o samba, classificando como “as entrelinhas do samba-enredo”. Eis o samba:

Oh! Divina luz que nos conduz / Com humor e irreverência / Hoje ninguém vai nos “gripar” [1] / Somos os heróis da resistência [2] / Vamos “pasquinar” [3], recordar / Sorrir sem censura [4] / Botar a boca no mundo [5], buscar bem fundo / Sem a tal ditadura [6] / Soltaram as bruxas [7], o pau comia [8] / De golpe em golpe [9], quanta covardia [10]! / Venha com a gente, povão / Abra o seu coração / Para o *Pasquim* [11], o “pequenino” [12] “imortal” [13] / Simbolizado pelo sacana ratinho [14] / Mesmo bombardeado [15], virou paixão nacional [16] / Aí, na palidez da folha [17] / Imprimimos personagens geniais [18] / Lindas mulheres [19] espelhando nossas páginas / Ipanema [20] foi o centro cultural / Hoje, essa história é carnaval [21] / Gip Gip Nheco Nheco [22] / Por favor não apague a luz! [23] / Goze desta liberdade [24] / Nos braços da Santa Cruz [25].

A seguir a correspondência dos números que foram destacados acima com a explicação sobre a letra do samba segundo os pasquinianos, acrescentando, posteriormente, as minhas observações [entre colchetes] às intervenções deles:

- [01] Gripe é o codinome que inventamos pros dois meses que o pessoal do *Pasquim* passou em cana, em 69 [Não foi em 1969, foi entre 1970 e 1971].
- [02] Resistência contra a censura e a repressão do governo militar. E também a resistência dos leitores que davam força, comprando o jornal.
- [03] Termo ainda não incluído no Aurélio, que significa fazer o *Pasquim* ou agir que nem o *Pasquim* [essa era uma das maiores marcas do jornal, a sua oralidade, a capacidade de criar novas expressões e incluí-las no cotidiano da sociedade, principal referência dos anos 1970, a inovação].
- [04] Um negócio que encheu o nosso saco até o nº 300 [neste ponto eles deixam de mencionar duas situações: a primeira que o jornal estava sim, sem a censura prévia, mas ainda existia censura; e a segunda foi que deixaram de mencionar, é claro, a existência da autocensura entre os jornalistas].
- [05] Estrilar, brônquear [referência à liberdade de expressão que desejavam, mas que nem sempre foi possível].
- [06] Um negócio que encheu o saco do povo brasileiro durante de mais de 20 anos.
- [07] É o mesmo que o pau comia [uma referência à truculência dos governos militares].
- [08] É o mesmo que soltavam as bruxas.
- [09] O governo militar chamava de redentora [quem chamava a ditadura de redentora de forma irônica era Stanislaw Ponte Preta, os militares e a sociedade que a apoiou acreditavam que era uma “revolução”].
- [010] E bota covardia nisso.
- [011] Um jornal lançado em junho de 1969 por Tarso de Castro, Claudius, Sérgio Cabral, Prosperi.
- [012] Só no formato pequeno, tablóide.
- [013] Enquanto dure, como dizia Vinícius.
- [014] O *Sig*, rato propaganda do jornal.
- [015] Figurativamente pela censura e literalmente por bombas, como a que jogaram uma vez na redação [referência às inúmeras tentativas da ditadura de destruir o jornal].
- [016] Agrademos a gentileza dos autores...
- [017] Pra nós, o verso mais belo do samba-enredo.

- [018] Os Fradins, do Henfil; Jeremias, do Ziraldo; Malaquias, do Claudius; madame e seu bicho muito louco, do Fortuna; o Tavares, do Ivan Lessa; Natanael Jebão, do Fausto Wolff; a Anta, de Jaguar; etc.
- [019] Leila Diniz, Odete Lara, Tânia Scheer, Ionita, Fátima Porto, Adele Fátima, Jussara Calmon, Martha Anderson, etc.
- [020] Ipanema, e depois o mundo! [Uma das principais marcas do Imperialismo Ipanemense]
- [021] Como vocês poderão ver na Sapucaí.
- [022] Imortal seção criada por Ivan Lessa.
- [023] Em cima do “ame-o ou deixe-o”, acrescentamos: “o último a sair apague a luz do aeroporto”.
- [024] Aquela que deveria abrir os braços sobre nós.
- [025] Os seis autores do samba poderão explicar isso melhor que nós.

Diante da representação da letra do samba e da própria interpretação dos jornalistas do *Pasquim* podemos perceber que a memória sobre o periódico está sempre enquadrada na década de 1970, como de total resistência. Deixando de fora temáticas polêmicas como a existência da autocensura, o seu conservadorismo em relação às mulheres e aos homossexuais, sobretudo, toda a descaracterização do projeto alternativo que figurou nos anos 1980 e que ocasionou a perda de sua identidade.

Na memória da sociedade ficaram cristalizadas e enquadradas as representações do jornal criado em Ipanema como alternativo à ditadura civil-militar, e a outra representação de sua decadência ou do jornal-empresa como se diz “caiu no esquecimento”. Esse jogo do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido faz parte da construção da memória. Já que a memória sempre é construída a partir de um presente e de um desejo social, político, econômico do que se pretende lembrar ou esquecer. Como analisou Michel Pollak (1992), existem na sociedade memórias em disputa promovendo um enquadramento de memória ou de manutenção da memória, que consistiria no ato de privilegiar acontecimentos, datas e personagens dentro de determinada perspectiva na constituição de memórias sociais, de partidos políticos, sindicatos ou outros tipos de organizações e instituições.

Ao fim deste estudo, é importante notar as três representações do *Pasquim*, o alternativo dos anos 1970; o intelectual orgânico do PDT e a empresa jornalística dos anos 1980, com todas as suas especificidades, contradições e pluralidade. O periódico foi um ator político e social que representou duas épocas distintas, dialogando com as rupturas e permanências deste processo, que no imaginário social, ainda hoje, é exaltado como símbolo de uma geração de jornais e jornalistas.

Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.



BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994.

BERSTEIN, Serge. "A Cultura Política". In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-363.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais para epa que pra oba*. Brasília: UnB, 1991.

DIAS, Ângela Maria. "Pasquim 1980/1991: as vicissitudes de um nanico na década da comunicação mega-empresarial". *Revista Comunicação & política*. Rio de Janeiro: Cebela, vol.VII, n.3, set-dez 2000, p.159-196.

ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Millôr. "Independência é, vocês me matam de rir?". *O Pasquim* n.1, 26 jun.1969.

_____. "O leitor padrão d'O Pasquim". *O Pasquim* n.131, 04 a 10 jan. 1972.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HENFIL. *Como se faz humor político*. Petrópolis: Vozes, 1984, (Depoimento a Tarik de Souza).

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: USP, 2003.

MAIA, Maurício. "Censura, um processo de ação e reação". In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: USP, 2002, p.468-511.

MORAES, Denis de. *O rebelde do traço: a vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

QUEIROZ, Andréa C. de Barros. *O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991)*, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Niterói: UFF, 2005.

_____. *Enfim, um escritor com estilo: o jornalista, pasquiniano, ipanemense e sem censura* Millôr Fernandes, 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhantes pelejas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *1968: a paixão de uma utopia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.131-137.